NOTAS VOL02

001

"Quinze vapores fretados por particulares, tendo bandas de música a bordo; e o vapor Jaguarão, com a companhia de aspirantes e guardas-marinhas muitos dos Snrs. Oficiais da armada, lentes da Academia de Marinha, diretor do Arsenal de Guerra, coronel Alexandre Manuel Albino de Carvalho, capitão do porto e de mar-e-guerra, Antônio Félix Correia de Melo, fechavam o cortejo. Todos esses navios acompanharam o Apa até fora da barra." (Cf. "Memórias da viagem de S.S. M.M. I.I.)

002

Joaquim Marques Lisboa (1807-1897), então vice-almirante. Seria barão, visconde com grandeza, conde e marquês de Tamandaré, em 1860, 1865, 1887 e 1888, respectivamente, pela atuação nas guerras do Prata e do Paraguai. O título de barão foi-lhe concedido por motivo desta viagem e está ligado ao episódio da morte do irmão, falecido em Tamandaré, como revolucionário de 1824.

003

A corveta a vapor Paraense era comandada por Delfim Carlos de Carvalho (1823-1896), capitão-tenente desde 1856. Viria a ser o herói da passagem de Humaitá, recebendo, por esse motivo, em 1868, o título de barão com grandeza da Passagem. Ao findar esta viagem foi agraciado com a comenda da Rosa.

004

Antônio José de Melo, n. em Sergipe e f. no Rio de Janeiro em 1885. Era cônego na catedral do Rio de Janeiro. Monsenhor em 1864. Ecônomo da Mitra por morte do conde de Irajá (D. Manuel do Monte Rodrigues de Araújo). Em 1861 foi vigário geral interino. Designado por D. Pedro II para capelão da viagem, segundo ofício do mordomo Paulo Barbosa a ele dirigido, em 2 de setembro de 1859. (Cf. "Livros da Mordomia da Casa Imperial", vol. 43, pág. 124 - Arquivo do Museu Imperial.) Foi condecorado, finda esta viagem, com a comenda da Rosa.

005

José Secundino Gomensoro, então capitão de fragata, fazia parte da oficialidade do vapor Apa. Tomaria parte saliente na batalha do Riachuelo como capitão-de-mar-e-guerra. Ao findar esta viagem foi agraciado com a comenda da Rosa.

006

A fragata a vapor Amazonas era comandada por Teotônio Raimundo de Brito, então capitão-tenente. Ao findar a viagem foi agraciado com o oficialato da Rosa.

007

A canhoneira a vapor Belmonte era comandada por Antônio Carlos Mariz e Barros (1835-1866), então primeiro-tenente, e que viria a ser herói da guerra do Paraguai. Ao findar esta viagem foi agraciado com o oficialato da Rosa.

008

O vapor Apa, da Companhia Brasileira de Paquetes a Vapor, era comandado por Francisco Pereira Pinto (1817-1911), então capitão-de-mar-e-guerra, e que exercia o comando a Estação Naval do Rio de Janeiro. Era chefe do Estado Maior General da Esquadrilha Imperial. Seria barão de Ivinheima em 1873. Ao findar esta viagem receberia a comenda de Avis.

009

Antônio Marcelino da Ponte Ribeiro, secretário do almirante Marques Lisboa. Primeiro-tenente da Armada. Finda a viagem receberia o oficialato da Rosa.

010

D.a Josefina da Fonseca Costa (1808-1896). Era dama efetiva da Casa Imperial a serviço da imperatriz e, nesta condição, fazia parte da comitiva. Seria baronesa e viscondessa com grandeza de Fonseca Costa em 1877 e 1888, respectivamente. Recebeu, finda a viagem, uma gratificação, paga pela Mordomia, de 600 mil réis mensais, durante 6 meses. ("Livros da Mordomia", cit., vol. 35, pág. 147 vs.)

011

Maria José da Conceição Araújo, retreta a serviço da imperatriz. Foi gratificada, no término da viagem, com 200 mil réis mensais durante 2 meses (idem, idem).

012

Aguaceiro rápido e inesperado, comum nos trópicos e na região da costa, compreendida entre os Abrolhos e o cabo de Santo Agostinho.

013

Era o estandarte imperial: verde, com as armas imperiais ao centro - privativo do chefe de Estado.

014

Dionísio da Cunha Ribeiro Feijó, primeiro oficial da secretaria do Império. Embarcara no Apa na qualidade de oficial de gabinete do ministro, cons. João de Almeida Pereira Filho.

015

Construído em 1750, no governo do vice-rei conde de Sabugosa. Ao tempo da visita de Pedro II estava em ruínas.

016

Francisco Gonçalves Martins (1807-1872), foi o 19º presidente da Bahia, de 1848 a 1852, e voltaria a sê-lo (33.º presidente) de 1868 a 1871. Era senador por essa província desde 1851. Terminada a visita de d. Pedro à Bahia, seria agraciado com o título de barão com grandeza de São Lourenço (1860) e elevado a visconde com grandeza do mesmo título em 1871.

017

Terminada a visita, mandou o imperador dar 200 mil réis à igreja, deixando cerca de 400 para os pobres (Cf. "Memórias" cit.)

018

É a seguinte a inscrição: "Vasco Fernandes César de Menezes, conde de Sabugosa, do conselho de S.S. A.A. de Portugal, alcaide mor do reino, comendador da Ordem de Cristo, fundou esta fortaleza em 1730." (Cf. "Subsídios para a História Marítima do Brasil", vol. 3, Imprensa Naval, Rio, 1940.)

019

Aliás Ancoradouro do Curral, para onde se transportou o imperador em escaler. Local onde se abrigou, em 1823, a esquadra de Cochrane.

020

Cons. Herculano Ferreira Pena (1811-1867). Era o 24.º presidente da província, nomeado a 3 de setembro de 1859, tomando posse do cargo a 28 do mesmo mês, nele se conservando até março de 1860. Era senador pelo Amazonas desde 1853. Terminada a visita de D. Pedro II à Bahia, receberia a grande dignitária da Rosa.

021

O vapor mercante era o Valéria de Sinimbu, conduzindo os primeiros-tenentes da Armada Inácio Acioli de Vasconcelos e Manuel Ernesto de Sousa França, encarregados pelo presidente da província de verificarem a aproximação da esquadrilha e receberem as ordens do imperador, a quem entregaram cópia do programa de recepção elaborado pelo cons. Pena.

022

Ao encontro da esquadrilha imperial saiu uma flotilha constituída dos vapores Cotinguiba, Paraná, Santa Cruz, Gonçalves Martins e Valéria de Sinimbu, comandada pelo primeiro-tenente Manuel Ernesto de Sousa França e levando os diretores da companhia a que pertenciam os navios e mais o juiz de órfãos do termo da Cachoeira, Francisco Gonçalves Martins.

023

Brigue-escuna Eolo, pertencente à estação naval, e que se juntara aos demais pouco depois.

024

Dr. Propício Pedroso Barreto de Albuquerque, primeiro-cirurgião do Apa. Terminada a viagem, seria agraciado com o grau de cavaleiro da Rosa.

025

Era a mesma galeota que serviria no desembarque de D. Pedro I, em 1826. (Cf. "Memórias" cit.)

026

D. Romualdo Antônio de Seixas (1787-1860), n. no Pará e f. na Bahia. 17º arcebispo da Bahia, nomeado por Pedro I em 1826 e confirmado por Leão XII em 1827. Foi o primeiro brasileiro a ocupar o sólio baiano e, inegavelmente, a principal figura do clero brasileiro do seu tempo. Dele disse Joaquim Manuel de Azevedo: "Gigante pela ilustração, era dotado de excessiva modéstia, de trato ameníssimo, de bondade evangélica, de todas as qualidades, enfim, que exaltam e fazem veneranda e amável a criatura humana." Foi presidente da junta governativa do Pará, deputado por essa província em várias legislaturas, havendo, por duas vezes, ocupado a presidência da Câmara dos Deputados. Era pregador da capela imperial, tendo coroado e sagrado d. Pedro II. Era conde de Santa Cruz desde 1858, sendo elevado a marquês, depois da visita do imperador. A propósito do título de conde concedido a d. Romualdo, existe, no Arquivo do Museu Imperial, o seguinte ofício dirigido a D. Pedro II (M. 129 D. 6275 POB): "Senhor. Bem longe estava eu de pensar que Vossa Majestade Imperial se dignaria de lançar suas vistas sobre mim, para ainda uma vez honrar-me e engrandecer-me, quando recebi a notícia de haver-me Vossa Majestade Imperial conferido o título de conde de Santa Cruz. Não tenho, Senhor, outro merecimento que os sinceros e ardentes desejos de servir à causa da religião e da monarquia; e suposto toda a minha vida pública, há mais de quarenta anos, ateste a firme adesão, ou antes o culto que, no meio de tantas vicissitudes por que havemos passado, sempre consagrei a esses dois grandes objetos, que o próprio evangelho parece equiparar, colocando na mesma linha o que é devido a Deus, e o que é devido a César, contudo os serviços, pela deficiência de minhas forças, estão muito abaixo da altura da missão que eles impõem. Mas os monarcas, Senhor, imagens de Deus sobre a terra, também aceitam e avaliam, como Ele mesmo, o pouco que se faz, quando nascido de uma consciência pura, e nunca desmentida lealdade. É isto o que Vossa Majestade Imperial acaba de patentear na sua piedosa munificência, dando-me este novo testemunho de apreço e consideração. Depondo pois aos pés do trono de Vossa Majestade Imperial a homenagem do meu profundo reconhecimento, redobrarei minhas incessantes súplicas ao Soberano Árbitro dos impérios, para que abençoe e felicite o reinado de Vossa Majestade Imperial com todas as propriedades, que nos asseguram a religiosidade, a sabedoria, e o espírito de justiça, que abrilhantam o cetro glorioso de Vossa Majestade Imperial. Deus abençoe e conserve a preciosa vida de Vossa Majestade Imperial e de sua augusta família. Bahia, 20 de dezembro de 1858. De Vossa Majestade Imperial humilde súdito Romualdo, Arcebispo da Bahia, Conde de St.a Cruz."

027

... "mais de sessenta meninas da aula pública de primeiras letras, da freguesia da Conceição da Praia e do Colégio Gratidão, da freguesia da Sé, trajando todas de branco e coroadas de flores também brancas, saudaram a S.S. M.M., juntando-se a este infantil coro de ovações os vivas dos meninos da Companhia de Artífices do Arsenal e da de aprendizes marinheiros." (Cf. "Memórias" cit.)

028

A Sé Nova, atual Catedral Basílica, é antiga igreja do colégio dos jesuítas. A construção foi iniciada em 1657, estando concluída em 1672, sendo o quarto templo erguido para o famoso colégio. Confiscada pela Coroa Portuguesa, ao tempo do marquês de Pombal, foi cedida à Mitra por provisão régia de 26 de outubro de 1765.

029

Ainda se encontra no mesmo local.

030

O palácio do governo situava-se no local em que se ergue o atual, levantado exatamente onde Tomé de Sousa construiu sua primitiva casa.

031

Além da baixela de prata, foram usados talheres de ouro, cedidos pelo coronel Antônio Pedroso de Albuquerque, presente de Jerônimo Bonaparte a antepassados de sua mulher.

032

Cons. Dr. João Batista dos Anjos (1803-1871), n. da Bahia. Formado em cirurgia em 1828. Lente de Higiene desde 1838. Foi diretor da Escola de Medicina em 1857, em cujo posto veio a falecer. Era perfeito "self-made man": começara a vida como sacristão da catedral, fora depois porteiro do Colégio e terminou catedrático e diretor da Faculdade de Medicina. (Cf. Eduardo de Sá e Oliveira - "Memória Histórica da Faculdade de Medicina da Bahia concernente ao ano de 1942", inédito.) Recebeu, finda a viagem imperial, a comenda de Cristo.

033

Cons. Manuel Maria do Amaral (1798-1879), inspetor da Tesouraria da Alfândega, cargo que desempenharia de 1845 a 1863. Foi deputado provincial e geral pela Bahia em várias legislaturas. Nomeado 3º vice-presidente da província, exerceria a presidência no período de 1863 a 64. Foi agraciado com a comenda da Rosa, depois da visita de D. Pedro II.

034

A fortaleza de N. Sra. do Pópulo e S. Marcelo, vulgarmente chamada como Forte do Mar, teve sua origem na carta régia de 4 de outubro de 1650, determinando "quanto convinha fazer-se um forte no baixo surgidouro dessa Bahia". A idéia de sua construção é do governador conde de Castelo Melhor, que iniciou logo a obra, sob risco do engenheiro francês Pedro Garin. Foi continuada pelo conde de Atouguia e pelos seus sucessores, parando-se a obra inúmeras vezes por falta de meios. Em fins do séc. XVII estava a obra concluída. (Cf. Luís Menezes Monteiro da Costa, "Certidão de Nascimento da Fortaleza de N. Sra. do Pópulo", que retifica, nessa documentada tese, tudo quanto se vinha repetindo sobre o célebre forte.)

035

O então capitão Dr. Francisco Pereira de Aguiar (1820-1903). Notável engenheiro baiano, autor de inúmeras obras públicas e a quem se referia o presidente da província em 1853: "Todos os engenheiros ao serviço da província cumprem satisfatoriamente as comissões de que são incumbidos; devo, porém, mencionar, com especialidade, o primeiro-tenente Dr. Francisco Pereira de Aguiar, sobre quem recai o maior peso, não só pela quantidade de obras que dirige, como pela rigorosa fiscalização que sobre elas exerce, tornando-se, por isso, digno de louvor." Fal. na Bahia, no seu Solar do Bom Gosto, que se erguia onde está hoje o palácio da Reitoria da Universidade da Bahia, à Av. Araújo Pinho. (Cf. Arnold Wildberger, "O Marechal de Campo Francisco Pereira de Aguiar", publicado na "Revista do Instituto Genealógico da Bahia", n.º 9, ano 9 - 1954.)

036

Cons. João Maurício Wanderley (1815-1889). Era senador pela Bahia desde 1856. Fora presidente da província em 1852. Seria agraciado, terminada a viagem imperial, com o título de barão com grandeza de Cotegipe.

037

Cons. José Antônio Saraiva (1823-1895). Seria senador pela Bahia em 1867. Receberia, finda a visita de D. Pedro II, a comenda da Rosa.

038

A quantia arrecadada atingiu a 28 contos e oitenta mil réis.

039

A Companhia do Queimado foi criada em 1852, com o fim de prover-se a capital da Bahia de um serviço regular de abastecimento de água. Foi a primeira providência tomada com esse objetivo. Até então o abastecimento se fazia por meio de fontes públicas, construídas no período colonial, muitas das quais ainda se conservavam, como a do Queimado, a do Gabriel, a do Pilar, etc. A constituição da Cia. do Queimado, destinada a promover a captação e distribuição a chafarizes, casas de vendagem e penas d'água, pode considerar-se como o marco inicial do serviço de águas da cidade do Salvador.

040

Era chefe de polícia na Bahia o Dr. Antônio de Aragão e Melo, mas por ocasião da viagem do imperador exercia, interinamente, as funções o Dr. Antônio Ladislau de Figueiredo Rocha, que foi agraciado, finda a visita, com a comenda da Rosa.

041

Cons. Manuel Messias de Leão (1799-1879). Foi, por muitos anos, vice-presidente da província, tendo, nessa qualidade, assumido o governo várias vezes. Ocupara a presidência (como 1.º vice) em 19 de abril de 1859, transmitindo o cargo a Herculano Pena. Era desembargador presidente da Relação da Bahia desde o ano anterior - sendo assim condecorado, finda a viagem de Pedro II, com a comenda da Rosa.

042

Cônego Joaquim Cajueiro de Campos. Era natural da ilha de Itaparica. Fal. na Bahia em 15 de novembro de 1878. (Cf. Livro de óbitos da Matriz de Sant'Ana, Bahia, de onde foi vigário até perto de morrer.) Sacerdote de grande erudição, professor de latim do Liceu Provincial da Bahia.

043

... "formou a tropa toda, em número talvez superior a 4 mil homens [....] tendo captado a atenção imperial o asseio e galhardia com que se apresentaram." (Cf. Memórias cit.)

044

Estiveram presentes ao jantar desse dia, entre outras, as seguintes pessoas referidas neste trecho do Diário (cf. Memórias cit.): 1) Dr. Luís Maria Alves Falcão Moniz Barreto, secretário do governo provincial; 2) Luís Barbalho Moniz Fiuza Barreto de Menezes (futuro barão de Bom Jardim, título que receberia depois dessa visita), deputado geral pela Bahia; 3) Pedro Muniz Barreto de Aragão (3.º barão do Rio de Contas em 1888), também deputado geral; 4) José de Araújo Aragão Bulcão (2.º barão de S. Francisco em 1829, elevado a grandeza em 1830), deputado provincial, e sua mulher, cit. na nota seguinte.

045

D. Ana Rita Cavalcanti de Albuquerque, fal. na Bahia em 1869. Baronesa de S. Francisco pelo casamento - "uma das senhoras mais distintas e respeitáveis, a quem o Sr. Presidente da província havia convidado para receber S. M. a Imperatriz e conduzi-la a seus imperiais aposentos." (Cf. Memórias cit.) Seria nomeada, finda a visita imperial, dama honorária da Casa Imperial.

046

D. Teresa Clara do Nascimento Viana (1796-1882). Baronesa de Paraguaçu pelo casamento. Filha do 1.º barão do Rio de Contas. Receberia, finda a visita, o foro de dama honorária da Casa Imperial.

047

Marechal Alexandre Gomes de Argolo Ferrão (1800-1870). Barão de Cajaíba em 1841, elevado a grandeza em 1849. Um dos heróis da Independência da Bahia. Terminada a visita receberia o foro de veador da Casa Imperial.

048

Hoje Rua Dionísio Martins.

049

Era Intendente do Arsenal o chefe de divisão Filipe José Ferreira; secretário, João da Costa Carvalho; oficial, Dr. Constâncio Gracindo de Sousa Brito e adido, Anolino Tavares de Macedo.

050

Cons. João Lins Vieira Cansanção de Sinimbu (1810-1906), foi o 22.º presidente da Bahia, de agosto de 1856 a maio de 1858. Seria visconde com grandeza de Sinimbu em 1888. Era senador pelas Alagoas desde 1857.

051

O engenheiro americano Tyler Chandler, a serviço do governo provincial.

052

Trajano Augusto de Carvalho ocupava o cargo de primeiro construtor do Arsenal de Marinha.

053

Era o segundo construtor do Arsenal. N. na Bahia e aí faleceu em 1871.

054

Não existem mais nos locais visitados por Pedro II. A primeira, atualmente, se encontra no Largo da Mariquita e a última na Praça Duque de Caxias, em frente ao Cinema Capri.

055

Mandado rezar pela Câmara Municipal, em ação de graças pela visita imperial.

056

Cônego provisor José Joaquim da Fonseca Lima (1815-1882). N. na ilha de Itaparica, e f. no Rio de Janeiro. Era professor no Seminário Baiano. De 1852 em diante dirigiu o "Noticiador Católico", jornal que circulou na Bahia de 1847-1863. No Rio de Janeiro, para onde se transferiu no fim da vida, ocupou vários cargos e comissões importantes do governo, entre as quais a de reitor do Colégio de Pedro II. Por motivo de seu sermão no Te Deum referido pelo imperador, foi condecorado com o oficialato da Rosa.

057

É o seguinte o trecho em questão, segundo as Memórias cit.: "Consenti ainda que eu dê um testemunho do reconhecimento deste povo eminentemente católico ao esclarecido critério com que haveis posto barreira às pretensões do racionalismo para corromper nossas crenças e costumes sob os mais capciosos pretextos do bem público."

058

Pe. Sebastião Dias Laranjeira (1822-1888). N. na Bahia e f. no Rio Grande do Sul. Foi ordenado em 1844. Muito versado em História, principalmente Sagrada, e falava várias línguas: latim, grego, árabe e hebraico. Seria do conselho do imperador e nomeado 2.º bispo do Rio Grande do Sul, sendo sagrado pelo papa Pio IX.

059

Pe. Antônio de Macedo Costa (1830-1891). N. em Maragogipe, na Bahia e f. em Barbacena, Minas Gerais. Ordenado em França em 1855, voltaria à sua província, lecionando no Liceu de S. Salvador. Receberia o título de conselho e seria eleito pelo imperador, em 1860, para ocupar o bispado do Grão-Pará, onde se destacou como um dos heróis da Questão Religiosa, juntamente com D. Frei Vital Maria de Oliveira, bispo de Olinda. Foi sagrado em Petrópolis em 1861. Esteve preso como réu na Questão dos Bispos; anistiado, voltou à sua diocese, de onde ascendeu, por nomeação do papa Leão XIII, ao arcebispado da Bahia, falecendo antes que pudesse ocupá-lo efetivamente.

060

O Instituto Histórico da Bahia, fundado em 3 de maio de 1856, sob a presidência de d. Romualdo Antônio de Seixas. Desapareceria em 1869. (Cf. "Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia", n.º 1, 1894).

061

O Teatro de São João erguia-se onde hoje está a Secretaria de Agricultura. Teve suas obras iniciadas no governo do conde da Ponte, em 1806, que mandou aplainar o terreno. Seu sucessor, o conde dos Arcos, terminou a construção em 1812, inaugurando-o a 13 de maio (aniversário do príncipe D. João) desse ano, embora a obra não estivesse totalmente concluída. Sofreu reformas sucessivas e adaptações várias, com o correr dos tempos. Aí foram aplaudidos Ismênia dos Santos, Xisto Bahia, João Caetano, Carlos Gomes, Emilia das Neves, Lucinda Simões, Furtado Coelho e Coquelin Ainé. Já na República entrou em decadência, servindo para vários fins, como sede de repartições públicas (a Caixa Econômica funcionou em seu saguão em 1907), quartel de polícia até fins de 1911, da guarda civil em 1913 e, por fim, arrendado para cinematógrafo (como então se dizia), funcionava esporadicamente. A 6 de junho de 1923 foi devorado por pavoroso incêndio. (Cf. Adroaldo Ribeiro Costa, "Vida e Morte do Teatro na Bahia", série de artigos em A Tarde, de Salvador, de 28 de julho de 1958.)

062

Camilo Formilli, artista italiano, residente no Rio de Janeiro na década de 1860-70. Apresentou trabalhos de escultura em várias exposições da Academia de Belas Artes. Foi amigo do conde da Estrela, em cuja sepultura está enterrado (Informação do sr. Francisco Marques dos Santos.)

063

"A Marmota", jornal crítico, que então se publicava, comenta a respeito do fato: ... "recitou uma belíssima poesia, e que muito agradou, o José Antônio da Cunha, poeta pouco conhecido, porém, de muita habilidade. Suas Majestades pareceram ficar satisfeitos. Foi, porém, muito notado que, nesta capital, onde existem tantos poetas, e que a qualquer cômica ou dançarina fazem uma grosa de sonetos, e que aos jantares para que se os convida, põem os donos da casa logo abaixo de N. Sr. Jesus Cristo, somente aparecesse aquele Cunha." Apud Afonso Rui, "História da Câmara Municipal da Cidade do Salvador", 1953.)

064

Hoje Praça Rodrigues Lima.

065

A Igreja da Graça foi fundada, segundo a tradição, por Diogo Álvares, o Caramuru, a pedido de sua mulher, Catarina Álvares, a Paraguaçu. Os jesuítas, ao desembarcarem, com Tomé de Sousa, em 1549, encontraram já a pequena ermida de barro, coberta de palha. Aí celebrou o padre Nóbrega. Em 1557 foi levantado novo templo, de pedra e cal, em substituição ao primitivo. A respeito da doação dessa igreja à Ordem Beneditina, existe no arquivo do Museu Imperial um "Traslado de doação feita por Catarina Alves [sic] Caramuru ao Convento de S. Bento das terras circunvizinhas e ermida de N. Sra. da Graça, assim como da prata de seu uso e mais o que consta da escritura extraída do Livro do Tombo do Mosteiro de S. Sebastião na Bahia". (Arquivo do Museu Imperial: Documentos da Casa Imperial, 16.6.586 - A1. d1. - POB.)

066

Os quadros acham-se hoje na sacristia.

067

A inscrição diz: "Sepultura de D. Catarina" etc. A lápide acha-se hoje conservada na parede da direita, estando assinalado, no chão, o local da sepultura.

068

O Beneditino de cruz de abade - seria o próprio abade da Graça, fr. Eugênio de Santa Escolástica Alves de Sá (1815-1892). Foi abade da Graça de 1854 a 1860. Seria abade do Mosteiro de Olinda de 1869 a 1872.

069

É o seguinte o brasão de armas que figura na lápide atual: Escudo feminino, esquartelado. No primeiro quartel, as armas dos Carvalho, de azul com uma estrela de ouro de seis pontas, encerrada numa quaderna de crescentes de prata. No segundo, as armas dos Albuquerques, esquartelado, 1.º e 4.º de Portugal antigo, 2.º e 3.º de vermelho com cinco flores de lis de ouro postas em santor. No terceiro, as armas de Deus-Dará, de prata com dois braços vestidos de verde moventes dos ângulos superiores do escudo para o centro, as mãos juntas e abertas, largando moedas de ouro e prata. No quarto, as armas dos Cavalcanti, de prata, mantelado de vermelho, semeado de estrelas de prata (devem ser quadrifólios, segundo Santos Ferreira, "Armorial Português"), e uma asna de azul brocante sobre o braço do mantelado.

070

O professor Dr. João Estanislau da Silva Lisboa (1819-1878).

071

O Cons. Manuel Vieira Tosta (1807-1896), barão de Muritiba em 1855. Seria elevado a visconde com grandeza em 1872 e a marquês em 1888. Era senador pela Bahia desde 1851.

072

"Em 1847, na Bahia, um moço de notáveis méritos - já aos 23 anos, professor do Liceu, - matou inexplicavelmente, com um tiro de pistola, a mulher com quem queria casar, Júlia Fetal, uma das mais belas raparigas do seu tempo. Tal desvario de paixão sombria alarmou, comoveu, dividiu aquela austera sociedade, e só escapou o assassino à pena de morte porque se alçou em sua defesa, nos debates do júri, a eloqüência ponderada de advogados e médicos, que lhe negaram o livre arbítrio... Condenado a 14 anos de prisão, sofreu-os com imperturbável serenidade. Deu-se aí um pequeno milagre. Na cela do presidiário floresceram os estudos de muitos meninos que tiveram permissão para lá os fazerem. [...] Esgotado o prazo de reclusão, dali saiu para dirigir o melhor colégio da província, o S. João, que, por outros 15 anos, formou sucessivas gerações. [...] Quando, em 1878, num leito de hospital, em Lisboa, acabou essa longa expiação, foram os antigos alunos [...] que lhe comemoraram a vida despedaçada." (Cf. Pedro Calmon, "A Bala de Ouro - História de um Crime Romântico", Rio, 1947.) Tudo isso deu motivo a uma lenda que é assim descrita: "De sua elevação moral deu provas quando D. Pedro II veio à Bahia e cumpria ele a sentença na fortaleza do Barbalho. O magnânimo imperador, depois de percorrer sua vasta e escolhida biblioteca, na sala que lhe haviam concedido, veio ao seu encontro e pergunta-lhe se não queria que lhe comutasse a pena. Ao que respeitoso e de pé respondeu o Dr. Lisboa: - Agradeço a generosidade de V. M. mas eu devo cumprir minha sentença até o último dia." (Cf. A. Circundes de Carvalho, Dr. João Estanislau da Silva Lisboa, Bahia, 1935). Esse episódio, como se verá, no decorrer deste Diário, absolutamente inverídico e inverossímil, foi documentadamente contestado por D.a Marieta Alves em artigo publicado em A Tarde, da Bahia, de 22 de abril de 1958: "Quando falhou a magnanimidade de d. Pedro II". Aí divulga a autora a súplica que a Santa Casa de Misericórdia da Bahia dirigiu ao imperador, em 14 de novembro de 1855, através do presidente da província, solicitando o indulto. A resposta do presidente Moncorvo Lima à mesa administrativa daquela instituição, datada de 3 de março de 1856, informa "segundo comunicação da secretaria de estado dos negócios da Justiça, de 26 do mês p.p., que foi indeferido o requerimento em que V. Mcês. pediram a S. M. o imperador a graça de perdoar ao bacharel João Estanislau da Silva Lisboa o resto do tempo que lhe falta para cumprir a pena de 12 anos de prisão com trabalho a que foi condenado."

073

Frei José de S. Bento Damásio (1790-1854) foi abade geral da ordem de 1845 a 48. Ao falecer, aos 64 anos, tinha 46 de profissão monástica e 40 de sacerdócio.

074

O quadro encontra-se na sacristia, e foi reproduzido, anos depois, no teto da igreja.

075

Em 1859 já havia a Sé Velha perdido os privilégios de Catedral, pelo seu estado precário. Fundada em 1552, com a invocação de S. Salvador, por D. Pero Fernandes Sardinha, foi demolida em 1933, causando o fato grande celeuma. Existe magnífica reprodução a óleo da antiga Sé, do artista baiano Prisciliano Silva, no gabinete do prefeito do Salvador.

076

Cônego João José de Miranda.

077

D. Sebastião Monteiro da Vide (n. em Portugal e f. na Bahia em 1722). Foi o 5.º arcebispo da Bahia e a principal figura do clero do seu tempo. Iniciou sua vida religiosa na Com. de Jesus, de onde saiu para pegar em armas por ocasião da Restauração, alcançando o posto de capitão. Voltou à vida civil, formou-se em direito canônico na Universidade de Coimbra, findo o que recebeu ordens sacras e foi designado, pouco depois, para o arcebispado da Bahia, em cujo posto viria a exercer uma atividade digna de encômios. Em 1707 promulgou as Constituições do Arcebispado da Bahia, devendo-se-lhe também a construção do antigo palácio dos bispos, ainda de pé (hoje sede da Faculdade Católica de Direito), em cuja frontaria se ostentam suas armas. Por morte do governador D. Sancho de Faro, ocupou o governo do Brasil, exercendo-o a contento de todos. (Cf. Ildefonso Xavier Ferreira, Prefácio às Constituições do Arcebispado da Bahia.)

078

A inscrição (Cf. "Memórias" cit. e ainda de acordo com a reprodução feita por Manuel Mesquita dos Santos, "A Sé Primacial do Brasil, Notícia Histórica", Bahia, 1933) diz: "Sepultura de d. Estevão dos Santos, do conselho de S. M. e bispo deste estado do Brasil, falecido em 6 de julho" etc. D. Estevão dos Santos, f. 1672, foi o 9º bispo da Bahia. Era cônego regente de S. Vicente de Fora. Foi o 1.º bispo confirmado por Clemente X depois da paz entre Portugal e Castela. Chegou à sua diocese em 1672, fal. no mesmo ano. Foi, de fato, o último bispo da Bahia, pois que D. Fr. Constantino de Sampaio, designado para substituí-lo, faleceu antes de tomar posse.

079

A lápide (cf. as mesmas fontes) diz: "D. Luís Álvares de Figueiredo" - (1670-1735). Foi o 6.º arcebispo da Bahia. Foi vigário geral do arcebispado de Braga, e coadjutor do arcebispo primaz. Foi eleito para o arcebispado da Bahia em 1725, ocupando o sólio por dez anos.

080

A pequena imagem, toda revestida de prata, está hoje na Catedral no primeiro altar lateral - lado da epístola, e representa N. Sra. das Maravilhas e não da Fé, como diz o imperador. A imagem desta invocação encontra-se também na Catedral, no altar fronteiro.

081

"Não lhe embaraçavam os negócios militares e políticos a propensão religiosa e pia, tributando culto a todos os templos da Bahia; com seu voto se compunha o asseio e se continuavam as obras deles. Não só se fizeram muitas por ordem sua, para complemento e perfeição daquela suntuosa matriz e da casa do cabido, onde lhe puseram os capitulares um retrato em agradecimento deste benefício e do empenho com que informara a seu favor no justo requerimento da maioria das suas côngruas, que a instância do marquês vice-rei e do arcebispo metropolitano lhes concedeu a real generosidade do nosso augusto monarca, mandando acrescentá-las também aos beneficiados." (Cf. Sebastião da Rocha Pita - "História da América Portuguesa" - 2.ª ed. Lisboa, 1880, pág. 305 n.º 20, no capítulo referente ao marquês de Angeja.)

082

Cons. Antônio Manuel de Melo (1802-1866). Acompanhava o imperador como seu guarda-roupa, cf. ofício do mordomo de 2-IX-1859 ("Livros de Mordomia", vol. 43, pág. 124 - Arquivo Nacional.)

083

"Jornal da Bahia", órgão do partido conservador, foi fundado em 1853 e duraria até 1878. Era seu redator proprietário, Francisco José da Rocha. Tinha tipografia própria à rua da Gameleira, na cidade alta. (Cf. "Anais da Imprensa da Bahia - I Centenário - 1811-1911" - Catálogo organizado pelos sócios do Instituto Histórico cons. João N. Torres e Dr. Alfredo de Carvalho.)

084

A Rua da Vala ou Estrada Nova, hoje Rua Dr. Seabra, foi aberta com o aterro de valados e a cobertura do chamado Rio das Tripas, por efeito da Lei de 9 de agosto de 1850.

085

Comandava o corpo de polícia o ten. cel. Domingos José Freire de Carvalho, que seria condecorado com a comenda da Rosa, depois da visita imperial. O quartel erguia-se nas proximidades do atual Colégio da Bahia.

086

Comandava o Corpo Fixo o Ten. Cel. D. José Baltazar da Silveira.

087

Comandava interinamente o 7.o Batalhão de Infantaria de Linha o major Antônio Joaquim de Magalhães e Castro. Seria também condecorado com a comenda da Rosa, depois da viagem de Pedro II.

088

O prédio ainda existe, muito bem conservado, ostentando na frontaria as armas imperiais, sem a coroa, retirada com a proclamação da República.

089

O súdito britânico Henry Law, engenheiro especialista na construção de portos.

090

Engenheiro polonês André Przewodowski (1799-1879). N. em Varsóvia e f. na Bahia, naturalizado cidadão brasileiro. Deixou grandes obras de engenharia na Bahia. Foi quem iniciou as do edifício da Alfândega.

091

A Rua dos Droguistas é hoje a Rua Conselheiro Lafayette.

092

Terreiro de Jesus, foi a denominação em homenagem aos Jesuítas, cujo antigo colégio aí ficava. Hoje é a Praça 15 de Novembro. Chamou-se, no fim do Império, Praça do Conde d'Eu.

093

Ainda existe no local. Chafariz de fabricação francesa, feito pela fábrica de Veuve André et Fils, em Champagne, em ferro fundido, imitando bronze. Encima-o uma figura feminina em tamanho natural, representando a deusa Ceres. (Cf. Francisco Vicente Viana, "Memória sobre o E. da Bahia".)

094

Bernardo do Canto Brum.

095

João Evangelista Alves de Araújo.

096

Ainda existe no mesmo local. É a mais antiga imagem em repartição pública existente na Bahia.

097

Compunham a Câmara Municipal do Salvador, em 1859, os seguintes vereadores: Joaquim Ernesto de Sousa (presidente), José Manuel Fernandes Ramos, José Eduardo Freire de Carvalho, Caetano Vicente de Almeida Galeão, Manuel José de Magalhães, Manuel Jerônimo Ferreira, Bernardino de Sena Moreira, Tito Adrião Rabelo e Henrique Álvares dos Santos.

098

O retrato de Pedro II, ainda conservado no local, é de autoria do artista baiano João Francisco Lopes Rodrigues.

099

O retrato de Pedro I, igualmente conservado, é de autoria de Bento José Rufino Capinã, e foi executado em 1830.

100

Óleo também conservado no local, do artista baiano José Rodrigues Nunes, executado em 1857.

101

José da Silva Lisboa, barão de Cairu em 1825 e elevado a visconde em 1826, n. na Bahia em 1756 e f. em 1835.

102

Ainda se encontra no local. É um painel de grandes dimensões, de autor e época desconhecidos.

103

... "a secretaria do governo, que se havia interinamente mudado para a sala de sessões da Assembléia Provincial..." (Cf. Memórias cit.)

104

O mosteiro de S. Bento da Bahia foi fundado em 1581, no mesmo ano em que chegaram os primeiros frades,. As terras foram doadas pelo governo e povo, segundo entendimentos anteriores. O primitivo mosteiro foi destruído em 1624, com a invasão holandesa. Iniciada a nova construção, logo a seguir - depois de uma interrupção motivada pela política pombalina, esta só ficou pronta em 1880.

105

Era abade-geral (cargo que ocupou de 1854 a 1860) Fr. Saturnino de Santa Clara Antunes e Abreu (1818-1892). N. na Bahia e f. no Rio de Janeiro. Recebeu o hábito beneditino das mãos de D. Romualdo Antônio de Seixas, em 1835. Foi professor de teologia e filosofia nos mosteiros da Bahia e Paraíba. Naquele, ocupou vários cargos da Ordem, e em reconhecimento aos seus serviços, foram-lhe concedidos, pelo capítulo geral de 1851, os privilégios, honras e isenções de que gozam os mestres jubilados de teologia. O papa Leão XIII honrou-o com o título de abade titular de S. Gualberto. Foi nomeado pregador imperial em 1847. Designado professor de filosofia do Colégio de Pedro II em 1862, transferiu-se para o Rio de Janeiro, em cujo mosteiro faleceu e está sepultado.

106

O imperador não conheceu o atual altar - que estava encomendado, como ele diz, e só foi inaugurado em 1871. É obra do escultor italiano Sechino.

107

Hoje são também quatro altares à direita, ocupando, o primeiro deles, o vão da porta que aí existia em 1859 e que dava acesso à igreja pela Av. Sete de Setembro.

108

A pintura só foi raspada por volta de 1912.

109

D. Fr. Antônio Barreiros foi o 3.º bispo da Bahia. Tomou posse da diocese em 1576 e f. em 1600.

110

Essas cadeiras de jacarandá, magnificamente lavradas, estão hoje na sala do capítulo.

111

"Continuando o seu exame foi ver também o belo arco do coro, o qual é considerado uma das maravilhas da capital." (Cf. "Memórias", cit.) Com as obras de rebaixamento da atual Av. Sete de Setembro muito sofreu a igreja (havendo mesmo um projeto de demolição), sendo retirado então o arco, por motivo de segurança, e recuado o coro que descansava sobre o mesmo.

112

A planta foi desenhada por frei Macário de S. João, antes de 1676.

113

Com a reforma do piso desapareceu esta lápide, estando a sepultura assinalada apenas com o nome e a data: 1591.

114

A inscrição diz tão somente: "Aqui jaz um pecador."

115

Responde o sr. Cláudio Ganns ("Derrotero General de la Costa del Brasil", introd. de C. Ganns, Madri, 1958) a essa pergunta, informando que alguns anos depois da morte de Gabriel Soares de Sousa, foram seus restos trasladados para o mosteiro de S. Bento, segundo sua vontade expressa, ocultos na humildade cristã do anonimato, com a indicação por ele próprio determinada: "Aqui jaz um pecador."

116

Os dizeres do retrato são os seguintes: "Francisco Barcellon. Grande benfeitor do mosteiro de S. Bento da Bahia. Faleceu a 15 de julho de 1750 com idade de 77." A tela está identificada, no verso, como: "Agostinho pintou na Bahia em 1855."

117

Dr. Álvaro Tibério de Moncorvo e Lima (1815-1865). Era deputado provincial. Fora presidente da Bahia em 1855. Exerceu por muitos anos o cargo de inspetor da tesouraria da Bahia.

118

Dr. Joaquim Jerônimo Fernandes da Cunha (1827-1903), inspetor-fiscal da tesouraria da fazenda e deputado pela Bahia. Foi condecorado com o oficialato da Rosa, terminada a visita de D. Pedro II. Foi senador do Império em 1871.

119

Dr. José Joaquim Landulfo da Rocha Medrado (1831-1860). Era redator proprietário do "Diário da Bahia". Foi deputado geral por essa província. Condecorado com o oficialato da Rosa, finda a viagem de D. Pedro II, sobre qual escreveu um opúsculo satírico: "Os sertões e a viagem do imperador", ed. na Bahia em 1860.

120

Brig. Graduado Manuel Muniz Tavares. Foi comandante das armas na Bahia.

121

Francisco José de Matos Ferreira de Lucena. Fal. na Bahia, como marechal de campo, onde exercia o comando do 2.º regimento de infantaria de linha.

122

Trata-se do Engenho da Conceição.

123

Pedro Labatut (1775-1849), oficial francês que prestou inestimáveis serviços à causa da Independência. A urna com seus restos mortais encontra-se hoje no Panteon, construído em 1914, próximo à capela.

124

Aliás, sempre-vivas.

125

Maria José Ferrão Castelo Branco.

126

Conservatório Dramático, fundado em 1857 pelo dramaturgo Agrário de Sousa Menezes. Faziam parte da deputação: Antônio Álvares da Silva, João da Silva Romão, Pe. Manuel Teodolindo Ferreira, João Pedro da Cunha Vale, Sisínio Dias e Fr. Francisco da Natividade Carneiro da Cunha.

127

Compunham o cabido os seguinte sacerdotes: deão, Manuel da Silva Freire; chantre, Manuel Joaquim de Almeida; tesoureiro-mor, Miguel Antônio Ferreira; mestre-escola, José Antônio das Neves; arcediago, Francisco Rodrigues Ferreira; cônegos de prebenda inteira, José Manuel de Lima, Manuel Cirilo Marinho, Inocêncio Moreira do Rio, Antônio Eleutério de Araújo Lima, Henrique de Sousa Brandão, Joaquim Emídio Ribeiro, Lino Reginaldo Alvim, Rodrigo Inácio de Sousa Meneses e Manuel Jorge Franco; cônegos de meia prebenda, Antônio Pedro Moreira Rios, João Nepomuceno da Rocha; mestre de cerimônias, Vicente Ferreira da Costa Ribeiro; padres capelães, José Gregório de Sousa, Antônio Ambrósio de Oliveira, Miguel Venâncio da Glória e José de Assis Gomes.

128

O convento das clarissas - Santa Clara do Desterro, fundado em 1677 - foi o primeiro convento para mulheres estabelecido no Brasil. A primitiva capela data do tempo de Mem de Sá. As obras do atual convento foram atacadas com mais afinco em 1678, por ordem do governador Roque da Costa Barreto. Está hoje entregue às religiosas franciscanas.

129

A respeito dessa visita do imperador comenta o A. das "Memórias": "Pesa-nos a obrigação de observar que este edifício, cuja construção acha-se ainda muito atrasada, tendo já custado aos cofres provinciais centenas de contos de réis, não poderá preencher os fins a que era destinado. Além de ser tido por insalubre o local, entendem pessoas competentes que os defeitos do plano da obra tornaram impossível a prática regular de qualquer dos sistemas penitenciários."

130

D.a Maria do Patrocínio de Almeida Junqueira (Iaiá) n. em Santo Amaro (Bahia) em 1840, filha do barão de Jacuípe e casada com o cons. João José de Oliveira Junqueira (inform. da prof.a D. Anfrísia Santiago).

131

D.a Maria Luísa Gabb de Massarelos, n. em Roma, filha do barão germânico Pedro Gabb de Massarelos. Casou em 1839 com Egas Moniz Barreto de Aragão, 2.º filho do barão de Paraguaçu.

132

A propósito do estranho traje das freiras do Desterro, citado por Pedro II, já denunciava o arcebispo da Bahia, em 1764, esse mesmo convento como escândalo desta cidade; por não se observar nele a vida comum com prejuízo do voto de pobreza destas religiosas, de que são evidentes sinais o seu toucado nimiamente descomposto e indecente, por lhes deixar descobertos grande parte das cabeças e todo o pescoço"... (Cf. Alberto Silva, "A Cidade do Salvador", Bahia, 1957, pág. 165.)

133

O Passeio Público foi mandado construir pelo conde dos Arcos, quando governador da Bahia, em 1814.

134

Dr. Salustiano Pereira Souto (1814-1887), administrador do Passeio Público. Era catedrático de medicina legal no 6.º ano da Escola de Medicina. Foi deputado provincial e geral pela Bahia.

135

O forte de S. Pedro tem sua origem numa pequena fortificação levantada em 1624 pelos holandeses, que se foi desmoronando aos poucos. Seu nome procede da igreja de S. Pedro, que se erguia nas vizinhanças, e que foi demolida pela proximidade da fortificação. O forte atual foi iniciado no governo de Antônio Teles da Silva, em 1646, e terminado em 1723, no tempo do vice-rei Vasco Fernandes César de Meneses - cujo nome figura na lápide acima do portão, sob planta do capitão João Massé, que serviu no exército inglês e também construiu algumas fortificações no Rio. Foi aí que se anunciou a proclamação da República.

136

Cons. Luís Pedreira do Couto Ferraz (1818-1886), visconde do Bom Retiro em 1872. Talvez o único amigo do imperador, na acepção do termo. Integrava a comitiva imperial como veador da imperatriz, conforme ofício de P. Barbosa de 2-IX-59 ("Livros da Mordomia", vol. 43, pág. 124. Arquivo do M. I.)

137

Alferes Antônio Jesuíno de Oliveira Barreto.

138

Cons. Dr. João Antunes de Azevedo Chaves (1805-1873). N. na Bahia. Foi vereador à Câmara do Salvador, deputado provincial em várias legislaturas. Prof. Público de retórica. Tomou parte nas lutas da Independência. Era cavaleiro de Cristo. (Cf. E. S. Oliveira, "Memória Histórica" cit.)

139

Dr. Antônio José Osório (1816-1868). N. na Bahia. Doutor em medicina em 1839. Bibliotecário da Faculdade desde 1839. Catedrático do 6.º ano. (Cf. Oliveira, op. cit.)

140

Cons. Dr. João Jacinto de Alencastre (1802-1868). Lente proprietário de anatomia topográfica, medicina operatória e aparelhos no 5.º ano. (Cf. Oliveira, op. cit.)

141

Cons. Dr. Antônio Policarpo Cabral (1789-1865). Doutor em medicina pela Universidade de Coimbra. Submeteu-se ao primeiro concurso realizado pela Faculdade da Bahia, em 1831, para a cadeira de química médica e princípios elementares de mineralogia. Era catedrático do 6.º ano. (Cf. Oliveira, op. cit.)

142

Aliás, Joaquim Augusto Moniz Barreto. N. da Bahia em 1834. Filho de Augusto Moniz Barreto. (Cf. Arquivo da Fac. de Med. da Bahia.)

143

Dr. Antônio Álvares da Silva (1833-1865). N. na Bahia, em 1831 ou 32, segundo Sacramento Blake. Era opositor da seção médica. (Cf. Oliveira, op. cit.)

144

Cons. Dr. Elias José Pedrosa (1808-1887). N. na Bahia. Doutorou-se em medicina em 1837. Catedrático do 3.º ano. (Idem, idem).

145

Cons. Dr. Manuel Ladislau Aranha Dantas (1817-1875). N. em Sergipe. Doutor em medicina em 1835. Catedrático do 4.º ano. Reputado filólogo. Serviu nos hospitais de sangue do Paraguai. Foi membro do Conselho de Instrução Pública da Bahia. Era comendador de Cristo e da Rosa. (Idem, idem.)

146

Cons. Dr. Justiniano da Silva Gomes (1808-1882), catedrático bastante conceituado do 3.º ano. Clínico de grande reputação. (Idem, idem.)

147

Cons. Dr. Domingos Ribeiro Seixas (1830-1890). N. na Bahia em 1829, segundo Sacramento Blake. Doutor em medicina em 1851. Lente proprietário da cadeira de higiene e história da medicina no 6.º ano. Foi deputado provincial na Bahia. Prestou serviços no Paraguai. (Idem, idem.)

148

Cons. Dr. Manuel Maurício Rebouças (1800-1862). N. na Bahia. Catedrático de botânica e zoologia desde 1833, no 2.º ano da Faculdade. Era cavaleiro do Cruzeiro (Idem, idem).

149

Cons. Dr. Alexandre José de Queiroz (1813-1883). Aprovado em cirurgia pela Esc. de Med. da Bahia em 1836 e diplomado pela Univ. de Pisa em 1840. Catedrático do 4.º ano. (Idem, idem.)

150

Cons. Dr. Francisco Rodrigues da Silva (1830-1836). N. na Bahia. Doutor em medicina desde 1853. Catedrático de química mineral, segundo o imperador, de química orgânica, de acordo com o "Almanaque Laemmert" para 1859, de medicina legal e toxicologia, conforme notas fornecidas pela própria Faculdade, e lente de medicina legal, segundo a cit. obra do professor Sá Oliveira. Foi o 7.º diretor da Escola de Medicina da Bahia, de 1881 a 86. Era professor de geometria do Liceu Provincial. Foi deputado prov. na Bahia e prestara serviços na campanha do Paraguai. Era comendador de Cristo e dignitário da Rosa.

151

A propósito deste retrato, parece que o imperador não satisfez o pedido, pois a tela de corpo inteiro de Pedro II que hoje figura no gabinete do diretor é obra do artista baiano José Antônio da Cunha Couto e está datada: Bahia, 1874.

152

Cons. Dr. Jônatas Abbott (1797-1868). Catedrático de anatomia descritiva do 1.º ano. Nasceu em Lamberth "contígua a Londres" (segundo suas próprias expressões), veio para a Bahia em 1812, adquirindo a nacionalidade brasileira e aí faleceu aos 72 anos de idade. Fez seus estudos de humanidades na Bahia, entrando depois em contato com o governador, conde dos Arcos, que o nomeou intérprete oficial. "É tradição que Jônatas Abbott foi servente da Escola Cirúrgica e que, sem abandonar o emprego, fizera o curso médico." Sua matrícula data de 1816, concluindo os estudos em 1820, recebendo aí o diploma de médico-cirurgião. Parte logo depois para a Europa, onde, em Palermo, vai aperfeiçoar seus conhecimentos, e em cuja universidade recebe o grau de doutor. Em 1825 é nomeado opositor da cadeira de anatomia da faculdade baiana - e três anos depois, lente de anatomia teórica e prática, com vencimentos de 600 mil réis anuais. Em 1830 volta à Europa, quando vai rever a pátria, e freqüentar algumas escolas especializadas. Novamente na Bahia, dedica-se à sua cátedra e ao gabinete de preparações anatômicas - que recebeu o seu nome, depois da sua morte - "o primeiro e o mais importante gabinete anatômico que tem o Brasil". Também a biblioteca da escola mereceu seus cuidados, velando e provendo seu enriquecimento. Aposentado aos 65 anos de idade e 36 de magistério, vai gastar seu tempo em leituras e aumentando a já riquíssima pinacoteca, que deixaria ao morrer, uma das primeiras da província. Das 413 peças que figuram no seu inventário, 170 estão hoje recolhidas ao Museu do Estado da Bahia, depois de figurarem no Liceu Provincial e no de Artes e Ofícios. Faleceu no solar de sua propriedade, "onde atualmente funciona a Escola de Belas Artes. Destino que muito agradaria ao apaixonado de pintura - diga-se de passagem". Em sua carreira profissional seria diretor interino da faculdade várias vezes e receberia a comenda de Cristo, finda a viagem imperial. (Cf. José Valadares, "A Galeria Abbott. Primeira pinacoteca da Bahia". Publicação do Museu do Estado - n.º 12, Bahia, 1951.)

153

Aliás, Pe. Manuel José de Freitas Dendê Bus, estes últimos nomes adotados por ocasião da Independência. Faleceu na Bahia em 1835. Informa o Sr. José Valadares, no seu trabalho citado, que o nome do sacerdote era Manuel José de Freitas Mascarenhas.

154

A propósito desse crânio, lê-se no citado trabalho do Sr. Valadares: "Para obtenção de certa peça invulgar, - a cabeça de um sacerdote portador de lesão craniana curiosa e rara - ainda hoje corre a tradição de que Abbott, na impossibilidade de obtê-la por outros meios, e não se conformando com a perda, subornou o coveiro e conseguiu o fenômeno para a coleção."

155

A galeria de retratos, obviamente aumentada, lá está, na sala da congregação da Faculdade de Medicina.

156

A igreja da Ajuda foi das primeiras igrejas levantadas dentro dos muros da cidade. O Sr. Frederico Edelweis está ultimando um trabalho com novas e importantes informações sobre esta igreja.

157

... "seguiram para o convento de S. Francisco, sendo aí recebido por toda a comunidade, com rigoroso cerimonial." (Cf. Memórias cit.) O convento foi fundado em 1587, sendo a igreja levantada no local chamado Terreiro de Jesus, em 1708. Aí trabalharam insignes artistas da época, sendo célebres os azulejos que revestem suas paredes, estando os da capela-mor assinados por Bartolomeu Antunes e datados de 1737.

158

O presente de d. João V constou, tão-somente, das pias de água-benta, que se encontram à entrada da igreja. Os azulejos foram adquiridos pela Ordem e custaram dois contos e duzentos mil réis, segundo documentado artigo do Sr. Carlos To (vide "O Claustro do Convento de S. Francisco da Bahia", publicado na Revista do Inst. Geog. e Hist. da Bahia, n.º 68, 1942.)

159

Fr. Raimundo Nonato da Madre de Deus Pontes (1815-1875). Orador de grandes recursos, nomeado depois pregador imperial.

160

Fr. José do Espírito Santo (1812-1872). "Nas lutas do espírito para a consecução do ideal filosófico, Fr. José perdeu o uso da razão, não de todo, porque sentia momentos, de lucidez, [...] Durante 21 anos [...] esteve, por esse motivo recluso." (Cf. Côn. Cristiano Müller, "Memória História sobre a Religião na Bahia, 1823-1923". Bahia, 1923.)

161

São belos exemplares de imagens de roca, que ainda lá estão.

162

Fr. Antônio da Virgem Maria Itaparica (1812-1879). N. em Itaparica (Bahia); foi orador de mérito e pregador imperial.

163

Teatro de S. Pedro de Alcântara, mantido por uma empresa particular de artistas, sendo presidente Joaquim José Bezerra, secretário Manuel Joaquim Mendes, e tesoureiro, Luís Antônio Martins. (Cf. "Alm. Laemmert" para 1859.) Ficava situado na Rua Debaixo de S. Bento, hoje Carlos Gomes, e foi inaugurado na primeira metade do séc. XIX e reformado em 1857. Ignora-se quando desapareceu (Cf. Adroaldo R. Costa, "Vida e Morte do Teatro na Bahia" cit.)

164

Ginásio Bonfim. Erguia-se na Baixa do Bonfim. Era um barracão de madeira com capacidade para 250 pessoas, tendo galeria e platéia. Seu último espetáculo teve lugar a 26 de janeiro de 1868, sendo logo depois demolido. (A. R. Costa, op. cit.)

165

Cons. João de Almeida Pereira Filho (1826-1883). Ministro do Império no gabinete de 10-VIII-59, presidido pelo futuro barão com grandeza de Uruguaiana, Ângelo Muniz da Silva Ferraz. Embarcara com o imperador como ministro itinerante, segundo o dec. de 17-IX-1859.

166

Já cit. na nota 134.

167

Aliás Dr. Antônio de Cerqueira Pinto (1820-1895). N. na Bahia. Doutor em medicina em 1842. Catedrático de química orgânica e biologia no 1.º ano. Seria o 8.º diretor da Faculdade, de 1891-95. (Cf. Sá Oliveira, op. cit.)

168

Dr. José de Gois Siqueira (1816-1874). N. na Bahia. Doutor em medicina em 1840. Foi presidente da Comissão de Saúde Pública, deputado prov. e geral pela Bahia. Teve destacada atuação na epidemia de cólera-morbo em 1855. Era comendador da Rosa. (Idem, idem)

169

Cons. Dr. Matias Moreira de Sampaio (1813-1875). N. na Bahia. Doutor em medicina em 1838. Lente da cadeira de partos e mulheres pejadas, no 4.º ano. (Idem, idem.)

170

Cons. Dr. Joaquim Antônio de Sousa Velho (1800-1872). Lente de terapêutica e matéria médica no 5.º ano. (Idem, idem.)

171

Cons. Dr. Vicente Ferreira da Magalhães (1799-1876). N. na Bahia. Diplomado pela Universidade de Coimbra. Foi o 1.º lente de física médica. Diretor interino da Fac. de 1871-74. Membro do Conselho de Salubridade da província, Comendador de Cristo e da Rosa. Orador de largos recursos, cognominado o língua de prata. Regeu a cátedra por mais de quarenta anos. (Idem, idem.)

172

Na Misericórdia foi o imperador recebido pela mesa administrativa "debaixo de pálio, com música de órgão e cantoria da colegiada." (Cf. "Memórias" cit.) Era provedor da Santa Casa o comendador Joaquim Inácio de Aragão Bulcão (1804-1886), filho do 1.º barão de S. Francisco. Foi barão de Matoim em 1860, depois da visita de D. Pedro II.

173

Hoje demolida. Ligava-se ao prédio da Misericórdia por um passadiço.

174

Era diretor do Hospital Militar. Foi um dos encarregados de servir de mestre de cerimônias no desembarque do imperador. Finda a visita de D. Pedro II, seria condecorado com o oficialato da Rosa.

175

Ele assinava-se Francisco Fernandes do Sim. Era pai da célebre baiana dona Francisca de Sande, a primeira enfermeira do Brasil

176

Todos esses retratos ainda lá se encontram, acrescida hoje a galeria de muitos outros, e na mesma sala, onde se reúne a Mesa, encontra-se o original autógrafo da ata assinada nesse dia, enquadrada juntamente com a caneta usada pelo imperador, tendo os seguintes dizeres: "Ata da sessão da Mesa Administrativa da Casa da Santa Misericórdia da Bahia, por ocasião da visita de S. M. o imperador o senhor D. Pedro II, em 11 de outubro de 1859 - Presentes os irmãos provedor coronel comendador e fidalgo da Casa Imperial Dr. Joaquim Inácio de Aragão Bulcão, escrivão comandante superior bacharel Evaristo Ladislau e Silva, tesoureiro comendador Francisco de Sampaio Viana, comendador Manuel Joaquim Alv. [sic] capitão negociante Manuel José de Figueiredo Leite, Dr. Francisco José da Rocha, Dr. Juiz de direito cavaleiro da ordem de Cristo Henrique Jorge Rebelo e comendador Dr. José de Gois Cerqueira [sic] suplicaram a S. M. o imperador o senhor D. Pedro II que por ocasião de sua honrosa visita a este pio estabelecimento se dignasse, para perpétua memória da mesma visita, de subscrever esta ata, deixando ficar a pena de ouro que para isto lhe foi oferecida, a fim de ser guardada no arquivo da dita Casa de Santa Misericórdia, e por fazer S. M. I. graça aos suplicantes, anuindo na súplica que assim lhe apresentaram, assinaram os referidos mesários depois de S. M. o imperador a presente ata que levarei, eu, escrivão da Mesa, Evaristo Ladislau e Silva. D. Pedro II, Joaquim Inácio de Aragão Bulcão, - provedor, o escrivão da Mesa - Evaristo Ladislau e Silva, Dr. José de Gois e Siqueira, Francisco de Sampaio Viana - tesoureiro, Manuel Joaquim Alves, Henrique Jorge Rebelo, Manuel José de Figueiredo Leite, Francisco José da Rocha.

177

A Biblioteca Pública, fundada em 1811, no governo do conde dos Arcos, foi a primeira do país. Funcionava onde fora a biblioteca dos jesuítas, num belo salão, anexo à Catedral. Transferida depois para o palácio do governo, desapareceu com um incêndio que se seguiu ao bombardeio de 1912.

178

Nesse mesmo salão, cuja maravilhosa pintura do teto ainda pode ser admirada, acham-se recolhidos, entre outros, quadros, imagens e móveis da antiga Sé, que foram incorporados ao Museu Sacro, organizado pela Reitoria da Universidade da Bahia, no antigo Convento de Santa Tereza.

179

O catálogo geral da biblioteca fora impresso no anterior, na tip. de França Guerra.

180

Mar-Jean Bourgery (1797-1849), autor do "Traité Complet de l'Anatomie de l'Homme". Paris, 1830/44, fartamente ilustrado.

181

Gaspar José Lisboa era o bibliotecário. Foi agraciado com o oficialato da Rosa, depois da visita do imperador.

182

O guarda-roupa Cons. Antônio Manuel de Melo, já cit. na nota 82.

183

Iniciava, neste dia, o imperador sua viagem à Cachoeira de Paulo Afonso, acompanhado de numerosa comitiva, entre os quais o camarista, o guarda-roupa, o mordomo-itinerante, o ministro do império e seu oficial de gabinete.

184

Diretor da Escola de Medicina.

185

Cons. Dr. Antônio Januário de Faria (1822-1883). N. na Bahia. Doutor em medicina em 1845. Substituto da seção médica. Seria catedrático de química médica em 1864 e 6.º diretor da Faculdade, de 1874-81. Orador brilhante. Comendador de Cristo. (Cf. Sá Oliveira, Memórias cit.)

186

Cons. Dr. Francisco Bonifácio de Abreu (1819-1887). N. na Bahia e f. no Rio de Janeiro. Seria barão de Vila da Barra em 1870, elevado à grandeza em 1876. Doutor em medicina e catedrático da faculdade do Rio. Deputado geral pela Bahia em várias legislaturas. Presidente do Pará e de Minas Gerais. Médico da Imperial Câmara e nessa qualidade designado para acompanhar S.M., conforme ofício do mordomo, de 31-IX-1859, cf. "Livros da Mordomia" cit., vol. 43, pág. 125.

187

Dr. Antônio Mariano do Bonfim (1827-1875). N. na Bahia. Doutor em medicina em 1850. Era opositor da seção acessória. Seria catedrático de botânica e zoologia em 1862. Era médico da Santa Casa e comendador de Cristo. (Cf. Sá Oliveira, Memórias cit.)

188

Aliás Luís Álvares dos Santos (1825-1886). N. na Bahia. Doutor em medicina em 1849. Seria catedrático de matéria médica e terapêutica em 1871. Foi professor de português e de grego no Liceu Provincial. Deputado provincial em várias legislaturas. Era oficial da Rosa e comendador de Francisco José, da Áustria. Um dos representantes do Brasil na Exposição de Viena em 1873.

189

A torre de Garcia d'Ávila - "construção senhorial e militar mandada erigir entre 1565 e 1609 pelo primeiro Garcia d'Ávila que para o Brasil viera com Tomé de Sousa (1549), dominando o litoral compreendido entre a foz do rio Real e a ampla barra da baía de Todos os Santos. Toda construída em pedra de Boipeba, cal de mariscos e azeite de peixe, suas muralhas elevam-se eternas e veneráveis, para que nelas, ainda em 1624, se içasse o sinal de inimigo à vista, nas flâmulas que inutilmente Francisco Dias de Ávila acenou a Itapoã e Rio Vermelho... Acampou, mais tarde, à sua sombra, Bagnuolo, com cerca de 2.000 pessoas, em retirada, da penosa evacuação do Porto Calvo; sendo novamente reerguido seu forte em 1702, em que se lhe completou a artilharia." "Floresce em novos adornos heráldicos a Casa da Torre, quando (informa P. Calmon), na sua visita à Bahia, D. Pedro I galardoa com a medalha de ouro da Independência os seus três varões titulares e que ao tempo eram irmãos barão de Jaguaripe, visconde de Pirajá e visconde da Torre Garcia d'Ávila. "Antônio Joaquim Pires foi o último senhor da Torre de Garcia d'Ávila que ganhou aspecto das fortalezas medievais que assinalam, com os seus altos destroços, um velho e majestoso poder." ("Subsídios para a História Marinha do Brasil" - vol. 3.)

190

O vapor Gonçalves Martins era comandado pelo cap. Francisco Vignes.

191

O guarda-roupa Antônio M. de Melo, já cit.

192

Existe no arquivo do Museu Imperial (Documentos da Casa Imperial) uma descrição do roteiro do Rio S. Francisco, acompanhada do seguinte ofício do mordomo: "Ilmo. e Exmo. Sr. Conselheiro: Rio de Janeiro, 26 de setembro de 1859. - Peço permissão a V. Excia. para oferecer-lhe estas notas sobre alguns lugares do Rio de S. Francisco. Sou, com respeito, etc. J. Próspero Jeová da Silva Caroatá." (Arquivo do M. I, m. 127, d. 6321.)

193

Dr. Antônio de Araújo Ferreira Jacobina (1829-1896). Doutor em ciências físicas e matemáticas pela Universidade de Coimbra e bacharel em filosofia formado em Paris. Ajudante de mordomo da Casa Imperial. Fazia parte da comitiva como mordomo de viagem, segundo expressão do ofício de 2-IX-59 de Paulo Barbosa, conf. "Livros da Mordomia", vol. pág. 124 (Arquivo do M. I.).

194

Dionísio da Cunha Ribeiro Feijó, of. de gab. do ministro do Império, já cit.

195

Deste ponto em diante foi o diário de d. Pedro II publicado no "Anuário do Museu Imperial", vol. X, 1950, com introdução e notas de Alcindo Sodré. Por conter essa transcrição enganos e omissões, reproduzimo-la integralmente aqui.

196

Confronto das águas do rio e do mar, formando como que um cordão divisório perfeitamente perceptível pela coloração amarelo esbranquiçada das águas barrentas do rio penetrando pelas águas espumantes do mar.

197

Dr. Manuel Joaquim de Mendonça Castelo Branco (1820-1886), deputado pela província das Alagoas. Seria barão de Anadia em 1870. Receberia o oficialato da Rosa, finda a visita imperial.

198

Cons. Manuel Pinto de Sousa Dantas (1831-1894). Seria conselheiro de estado efetivo em 1879 e senador pela Bahia em 1878. Era presidente das Alagoas desde 1-X-59. Viria a presidir a Bahia em 1865.

199

Antiga embarcação a vela, fundamentalmente igual ao atual iate.

200

Era comandado pelo primeiro-tenente da armada Domingos Joaquim da Fonseca e tinha a seguinte oficialidade: segundos-tenentes - Augusto Neto de Mendonça e Lúcio Joaquim de Oliveira; piloto - Anacleto da Silva Vieira; comissário - Joaquim Barbosa do Nascimento e escrivão - Cândido José Alves da Fonseca.

201

Piaçabuçu - povoação da província das Alagoas. Escrevia-se Piassabuçu.

202

"Chegando à pequena capela que serve de matriz, fez S.M. oração, examinou-a, notando o estado de sua ruína, o qual procurou remediar, em parte, dando logo ali, ao respectivo vigário, o Rev. Sr. José Rafael, a quantia de 200 mil réis para os primeiros reparos, bem como deu mais 300 mil réis para os pobres da freguesia." (Cf. "Memórias" cit.)

203

Cons. Dr. Manuel da Cunha Galvão (1822-1872) presidente da prov. de Sergipe em 1859/60. Receberia a comenda da Rosa, finda a visita imperial, sobre a qual fez publicar, na Bahia, um relato: "Viagem Imperial à província de Sergipe em janeiro de 1860".

204

Deve referir-se a "Viagens às Cachoeiras de Paulo Afonso" pelo dr. José Vieira de Carvalho e Silva, publicada no tomo XXII da "Rev. do Inst. Hist. e G. Brasileiro".

205

Atlas e Relatório concernente à Exploração do Rio de S. Francisco desde a Cachoeira de Pirapora até o Oceano Atlântico, ... pelo eng. civil Henrique Guilherme Fernandes Halfeld, publicado em 1860. O imperador, como se verá adiante, levava desenhadas por Boulanger.

206

Aliás Acararé.

207

Hoje Neópolis.

208

Ten. Cel. José Vicente de Medeiros; fazia parte, juntamente com o major Antônio Moreira Lemos, ten. cel. Antônio José de Medeiros Bittencourt e Dr. Joaquim Serapião de Carvalho, da comissão encarregada da recepção a D. Pedro II.

209

Antônio Moreira Lemos. A câmara de Penedo se compunha de oito vereadores, sendo o imperador recebido debaixo de pálio.

210

Por ocasião das cheias anuais do rio, transborda e inunda os baixios marginais. Fecham a boca do canal de entrada das águas com tapagens feitas com tabocas (espécie de bambu) para prender os peixes nas denominadas "lagoas" e pescaálos com facilidade.

211

José Antônio de Araújo.

212

Cel. Fernandes Pinheiro.

213

Manuel Veridiano Pinho.

214

Amarílio Olinda de Vasconcelos (1845-1922). N. em Penedo, nas Alagoas, e f. em Londres, onde viveu muitos anos. Serviu no Exército até o posto de capitão, fazendo as campanhas do Uruguai e Paraguai. Passou depois a servir no ministério da Agricultura. Condecorado com a ordem da Rosa. Era casado com uma irmã do marechal Hermes da Fonseca.

215

Aliás, Dr. Henrique Birket, diretor do hospital fundado pelo desemb. da Relação da Bahia, Francisco José Coelho Neto.

216

Era vigário o padre Antônio de Santa Maria Madalena, que recebeu do imperador 300 mil réis para esmola aos pobres.

217

Bento de Melo Pereira (1780-1866), barão de Cotinguiba desde 1849, foi o 7.º presidente de Sergipe.

218

José Manuel de Araújo do Nascimento.

219

Ten. Cel. Antônio José de Medeiros Bittencourt.

220

Foi o imperador recebido, ao desembarcar, pela câmara municipal, debaixo de pálio, e entre alas da Guarda Nacional.

221

Prof. Jesuíno Rodrigues de Amorim.

222

Professora Antônia Maria do Espírito Santo.

223

Prof. Serapião Lupércio Pereira.

224

Padre Miguel de Albuquerque Silva Ramalho.

225

Residência do juiz de direito de Propriá, Dr. Hugolino Aires de Freitas Albuquerque (Cf. Memórias cit.)

226

Constituíam a comissão encarregada da recepção ao imperador: o juiz de direito da comarca de Propriá, já cit.; o comendador José Antônio da Silva Travassos; Dr. Gonçalo Vieira de Carvalho e Melo, juiz municipal de Vila Nova; padre Manuel Joaquim Nunes; vigário de Propriá, padre Ramalho, presidente da Câmara de Propriá; já cit.; Ten. Cel. Tomás Pinheiro de Sousa, presidente da câmara de V. Nova e Manuel Gomes de Freitas, delegado de polícia de Propriá.

227

Aliás Munguengue - braço de rio divisa do termo de Penedo.

228

Sugeriu o prático, que não continuasse o Pirajá pelo perigo de encalhar.

229

João de Almeida Pereira Filho, ministro do Império, já referido na nota 164.

230

De Nossa Senhora do Ó.

231

Reza a tradição que neste local vivera, ao tempo dos holandeses, uma mulher - Maria Pereira, que aí se ocultara dos invasores durante muitos anos.

232

Aliás, das Pedras. Vila de Sergipe.

233

Mordomo itinerante, cit. na nota 192.

234

A famosa fertilidade rizícola da Cotinguiba provém da lama fertilizante que o rio deposita nas suas cheias anuais.

235

Possui a capela uma imagem da Virgem, em tamanho natural, que por três vezes foi encontrada nesse local, depois de ter sido levada para outro templo onde queriam colocá-la.

236

Hoje Belo Monte.

237

Dr. João Paulo Monteiro de Andrade.

238

Dr. Francisco Antônio Pessoa de Barros.

239

Como se viu (nota 203), o Atlas de Halfeld só foi editado em 1860. Onde andará essa cópia feita à pressa pelo Boulanger, levada pelo imperador?

240

Escolhos rochosos perigosos à navegação.

241

Aliás Charambac.

242

Ficou o imperador hospedado em casa do subdelegado de polícia, Joaquim da Costa Campos, que hospedou também toda a comitiva. (Cf. "Memórias" cit.)

243

Maj. Manuel José Gomes Calaça. Em 05/03/1861 recorda ele, em mensagem ao imperador, ter sido um dos seus batedores na viagem a Paulo Afonso. (Arquivo do M. I. - Papéis da Casa Imperial - Maço 130 doc. 6380 - POB.)

244

João Batista de Oliveira Montaury, primeiro-tenente da armada, comandante do vapor Pirajá.

245

Fazenda de propriedade do major Calaça.

246

Sinônimo de dar pousada a.

247

O filho do major Calaça, Francisco José Gomes Calaça, terminava então os estudos do Ginásio Baiano, de Abílio César Borges. No ano seguinte (informam os "Livros da Mordomia") emite P. Barbosa uma "letra de 400 mil réis para os gastos do colégio e mais despesas do aluno Francisco José Gomes Calaça no Ginásio Baiano" (ofício do mordomo, de 28-V-1860, "Livros" cit., vol. 43, pág. 144 vs.) E no mesmo ano embarca ele para Paris, como bolsista do imperador para formar-se em engenharia na Escola de Pontes e Calçadas, levando cartas de recomendação do mordomo e de Jacobina (idem, idem, pág. 148). Existem ainda, registrados nos mesmos Livros (Arquivo do M. I. vols. 52, 53 e 55) vários ofícios de Francisco J. G. Calaça, datados de Alagoas, remetendo queijos para a imperatriz. Sacramento Blake (III, pág. 8) enumera várias obras de Calaça.

248

Manuel Joaquim de Paiva, criado particular do imperador. Recebeu, finda a viagem, uma gratificação de 200 mil réis, pagos durante dois meses ("Livros da Mordomia", vol. 35, pág. 147 vs. Arquivo Nacional.)

249

O guarda-roupa Antônio M. de Melo, já cit.

250

Dr. Francisco Bonifácio de Abreu, já cit.

251

Manuel Duarte Ferreira Ferro, f. em 1870, Barão de Jequiá em 1859, elevado à grandeza no ano seguinte, depois da viagem imperial.

252

No local onde se deteve D. Pedro II, deliberou o conselheiro Dantas, presidente das Alagoas, levantar um monumento em lembrança da visita imperial, erigido por subscrição popular.

253

Árvore típica do cerrado, da família das bignoniáceas ("Tabebuia caraiba"), de casca suberosa e grossa.

254

Dr. Abílio César Borges (1824-1891), barão de Macaúbas em 1881, elevado à grandeza no ano seguinte. N. na Bahia e f. no Rio de Janeiro. Grande educador brasileiro. Manteve na sua província o célebre Ginásio Baiano, onde estudou Rui Barbosa. Desfazendo-se do estabelecimento, veio para o Rio de Janeiro, onde fundou o Colégio Abílio, que obteve justa e merecida fama. Finda a viagem imperial, seria condecorado com o hábito de Cristo.

255

Francisco José Gomes Calaça, já cit. na nota 240.

256

Jantou o imperador na casa de Anacleto de Jesus Maria Brandão, que recebeu, por esse motivo, finda a viagem, o oficialato da Rosa. (Cf. Memórias cit.)

257

Ilha de São Pedro.

258

Barra do Ipanema?

259

Viera o Itajaí, sob o comando do primeiro-tenente Inácio Joaquim da Fonseca, trazendo não só correspondência particular para o imperador, como também oficial para o ministro do Império.

260

Todo este parágrafo foi, inexplicavelmente, repetido, com variantes no final deste dia.

261

Até aqui a transcrição feita no "Anuário do Museu Imperial" cit.

262

Comandava este quartel o capitão Francisco Joaquim Pinto Paca.

263

O comandante já cit. na nota anterior.

264

Cap. José Francisco de Andrade e Silva.

265

O Arsenal de Guerra era dirigido pelo tenente-coronel Luís Guilherme Woolf.

266

Cap. Francisco José Camará, ajudante do diretor.

267

Era reitor o padre-mestre Fr. Antônio Cipriano do Santíssimo Sacramento.

268

Quadro de autoria do pintor baiano José Teófilo de Jesus. (Cf. Manuel Querino, "Artistas Baianos", Bahia, 1911.)

269

Francisco José Godinho. Receberia a comenda da Rosa, finda a visita de d. Pedro II.

270

Aliás José Teófilo de Jesus. N. na Bahia e f. em 1847. Foi discípulo do pintor José Joaquim da Rocha, tendo, depois, estudado em Lisboa, onde foi aluno de Vieira Lusitano. Pintor de reais méritos, deixou trabalhos em várias igrejas da Bahia. Foi autor do segundo pano de boca do Teatro S. João. (Cf. M. Querino, op. cit.)

271

Era superior Fr. Vicente Maria Áscoli.

272

Dr. Salustiano Ferreira Souto, cit. na nota 133.

273

No local se ergue hoje o Hotel da Bahia.

274

Repartição fiscal da alfândega, conhecida como Consulado. Em 1840 (29/09) noticiava o "Jornal do Comércio" do Rio: "S.M. dignou-se ontem a visitar a praça do comércio, a alfândega, o consulado e o tesouro. S.M.I. veio a cavalo, acompanhado de seus camaristas, do mordomo da Casa, [etc.]. Depois passou S.M. à alfândega, onde o esperava o Exmo. Sr. ministro da Fazenda, e de lá ao consulado, de onde regressou para a Quinta da B. Vista."

275

Justiniano de Castro Rebelo. Foi também administrador do Teatro S. João durante muitos anos.

276

Fundada em 1811, no governo do conde dos Arcos. Em 1840 tomou o nome de Associação Comercial da Bahia, que funciona ainda hoje no mesmo prédio, na Cidade Baixa.

277

Francisco da Silva Romão, retratista baiano. Foi discípulo de Olímpio da Mata e autor de vários retratos. (Cf. M. Querino, op. cit.) O retrato do conde dos Arcos foi inaugurado em 1854 por iniciativa de Manuel Pinto Leite.

278

Manuel Alves Branco (1797-1855). N. na Bahia e f. no Rio de Janeiro. Foi agraciado com o título de visconde com grandeza de Caravelas em 1854. Foi ministro de estado várias vezes, deputado geral pela Bahia e senador por essa província desde 1837. Seu retrato de corpo inteiro, que figura no salão nobre da Ass. Comercial, é obra de Barandier, data de 1854 e foi inaugurado nesse mesmo ano.

279

O retrato do futuro barão de Cotegipe é de autoria do pintor francês E. Muller e traz a data de 1853. Foi inaugurado no ano seguinte.

280

Quando visitou Pedro II a Associação Comercial, ainda não se encontrava ali o seu próprio retrato, obra de Barandier e que seria exibido por ocasião do famoso baile oferecido ao imperador a 17 de novembro. A tela foi oferecida pelo comendador Francisco José Godinho.

281

A inscrição, que lá ainda existe, é a seguinte: "Joanni VI./ undique prospicienti,/ commercium / Bahiae / D. / A.D. MDCCCXVI."

282

Dr. Inácio José Ferreira.

283

João Antônio de Vasconcelos. Era também desembargador da Relação. Foi condecorado com a comenda de Cristo, finda a visita de D. Pedro II.

284

Diógenes Americano Veloso.

285

Ciro Orozimbo Alves, 2.º escriturário.

286

"É digno de notar-se que lendo em um dos livros da tesouraria provincial o termo de arrematação de uma estrada, observou S.M. o imperador que o nome do arrematante, José Ferreira de Carvalho, era igual ao de um dos indivíduos implicados no processo que se havia formado em conseqüência do assassinato do juiz municipal de Tucano. O Sr. presidente da província, procedendo imediatamente às convenientes averiguações, informou a S.M.I. que os dois indivíduos tinham de fato o mesmo nome; mas que o arrematante da obra não era o implicado no processo e que este se achava preso no forte de S. Pedro. Por mais este fato ficaram os circunstantes conhecendo quanta é a atenção que o monarca costuma prestar aos negócios públicos e a solicitude com que vela sobre a administração da justiça." (Cf. "Memórias" cit.)

287

Manuel Francisco de Sá Freire. Foi condecorado com o oficialato da Rosa, depois da visita imperial.

288

São os arcazes da sacristia.

289

A lápide diz: dous de março.

290

A ordem dos carmelitas calçados estabeleceu-se na Bahia em 1586, no Monte Calvário, na época fora do perímetro da cidade. A atual igreja, anexa ao convento, achava-se em construção em 1709, sofrendo restauração em períodos sucessivos. Marcantes episódios relacionados com a História estão vinculados a esse convento. Em 1624 transformou-se em quartel general das forças espanholas, comandadas por d. Fradique de Toledo Osório. Aí, na chamada Sala da Capitulação, os holandeses assinaram sua rendição. (Cf. G. Oscar Campiglia, "Igrejas do Brasil".)

291

Hoje Av. Senhor do Bonfim. Não existem mais as palmeiras citadas pelo imperador.

292

A capela foi inaugurada em 1754, tendo a imagem chegado em 1745 e sido colocada, provisoriamente, na igreja de N. Sra. da Penha de França (Informação da sra. dona Marieta Alves, bem como as demais referentes ao Bonfim.)

293

Engano do imperador. A pintura representa a proteção de Jesus Cristo.

294

Aliás Antônio Joaquim Franco Velasco (1780-1833): artista baiano, discípulo do pintor José Joaquim da Rocha. Suas pinturas na igreja do Bonfim datam de 1819. Em 1821 foi nomeado por D. João VI lente substituto da cadeira de desenho da Bahia, obtendo a efetividade em 1825. Pedro I, quando esteve na província, visitou sua aula, deixando-se retratar pelo artista. (Cf. Manuel Querino, op. cit.) O retrato de Pedro I, que fazia parte da coleção Abbott, está hoje no Museu do Estado da Bahia.

295

Os dois quadros, que ainda se encontram no mesmo local, são de dois artistas diferentes: Bento e Tito Capinã - pai e filho. Bento José Rufino da Silva ou Bento José Rufino Capinã, nome que adotou com a Independência (1791-1874), foi o primeiro artista brasileiro que se dedicou à litografia. São conhecidas inúmeras telas de sua autoria, inclusive A Morte do Pecador, na igreja do Bonfim. Seu filho, Tito Nicolau Capinã (1822-1870) foi artista cenógrafo; além da Morte do Justo, na mesma igreja, foi autor de uma série de batalhas do Paraguai, que expôs nas arcadas do edifício da Câmara Municipal da Bahia. (Cf. M. Querino, op. cit.)

296

O hospital fora criado pouco antes para os enfermos de febre amarela. Era diretor o Dr. Tito Adrião Rebelo.

297

Um dos médicos era o Dr. João Ferreira de Bittencourt.

298

O forte de S. Filipe de Monserrate, admiravelmente bem situado, foi construído por Manuel Teles Barreto (1585) sobre um promontório, ao fundo do golfo. Reedificado no governo de D. João de Lencastre, sob projeto do engenheiro florentino Felisgaia.

299

Fundição de ferro de Cameron, Smith & Cia., estabelecidos num arrabalde. Ocupava-se da fundição de objetos próprios para vapores.

300

A primitiva ermida de N. Sra. de Monserrate data de 1580, construída a expensas do governador Francisco de Sousa.

301

Dr. Antônio Gonçalves Gravatá, conferente da Alfândega.

302

Aliás Rua do Passo.

303

Padre Vicente Ferreira de Oliveira, vigário da freguesia do Sacramento, à Rua do Passo. Era cônego honorário da Capela Imperial, oficial do Cruzeiro e comendador de Cristo. Foi um benemérito da sua igreja, tendo a irmandade mandado fazer seu retrato - que se encontra na sacristia - óleo de José Rodrigues Nunes. F. em 1860 com 87 anos de idade, dos quais 58 consagrados à sua freguesia. (Cf. dona Marieta Alves, "As Atuais Obras de Arte da Igreja Matriz da Rua do Passo", publicado em 'A Tarde' (Salvador) de 2 de junho de 1958.)

304

Foi abandonado, como forte, desde 1863. Ocupou-o (cf. J. da Silva Campos, "Fortificações da Bahia") a Societé Construction du Port de Bahia, instalando seus escritórios na plataforma, desfigurando por completo a fisionomia de fortificação. Hoje serve de escritório à Petrobrás.

305

Forte de Santo Alberto, conhecido como da Lagartixa, data de 1694. Servia em 1855 (J. de S. Campos, op. cit.) de "oficina de fogos", dependência do Arsenal de Guerra, porém, quatro anos adiante, por completo desarmado, encontrava-se sem aplicação alguma.

306

Era comandante o capitão Albino Adolfo Barbosa de Almeida.

307

Os seminários - maior e menor - estavam funcionando no antigo convento de Santa Teresa. Foram instalados - aquele, em 1811, e este em 1852. No mesmo prédio funcionou a Academia Brasílica dos Renascidos. O edifício foi transferido à Universidade da Bahia que aí instalou o Museu de Arte Sacra em 1959.

308

Seria governador do arcebispado na ausência e por provisão de D. Antônio de Macedo Costa em 1890.

309

Aliás Padre Aleixo Meliaud.

310

Côn. José Joaquim da Fonseca Lima, já cit. na nota 56.

311

Fr. Arsênio da Natividade Moura, notável monge beneditino, pregador imperial. Diretor do Seminário Menor.

312

Fr. Antônio da Virgem Maria Itaparica, já cit. na nota 161.

313

Fr. Raimundo Nonato da Madre de Deus Pontes, já cit. na nota 158.

314

Já cit. na nota 105.

315

Tem suas origens na primeira fortificação regular que se erigiu na Bahia, ao tempo de Francisco Pereira Coutinho. Esteve ocupado pelos holandeses em 1624. Reconstruído por D. João de Lencastre em 1694. Serve hoje de base a um posto semafórico e ao farol da entrada do porto.

316

Vide nota 34.

317

Forte de S. Paulo da Gamboa, assim denominado por ter sido construído sobre uma gamboa ou vala.

318

Antônio da Silva Lopes, cuja aula foi inaugurada em 1813.

319

Aliás Velasco, já cit. na nota 284.

320

Funcionava onde está hoje a Faculdade Católica de Filosofia, no Largo da Palma.

321

José Joaquim da Rocha, fundou a primeira escola de pintura da Bahia, onde realizou uma obra digna de encômios, não só no ensino como na proteção a artistas. Seu primeiro trabalho na Bahia, de volta de uma temporada de estudos na Europa, foi o teto da igreja da Conceição de Praia. Foram seus discípulos, entre outros, José Teófilo de Jesus e Antônio Joaquim Franco Velasco. O imperador quis, evidentemente, escrever natural de Minas, o que, aliás, é contestado por M. Querino ("Artistas Baianos" cit.) que demonstra ter o artista nascido na Bahia.

322

É a célebre carta divulgada por Debret na sua "Voyage Pittoresque au Brésil", 1839 (III Vol., pág. 79) intitulada "Adeuses da imperatriz Amélia ao menino imperador adormecido".

323

Dr. Joaquim Antônio de Oliveira Botelho.

324

João Alves Portela.

325

Dr. João Antunes de Azevedo Chaves, já cit. na nota 137.

326

A respeito dessa visita, escreveu o presidente da província, no seu Relatório, apresentado à Assembléia Provincial, o seguinte: "No dia 30 de outubro converteram-se estas prisões em teatro de uma cena digna de ser contemplada e admirada como sublime exemplo de caridade e amor da justiça. Quero falar da visita que S.M. o imperador dignou-se fazer-lhes, descendo até ao fundo das enxovias para observar, com seus próprios olhos, o estado e o tratamento dos mais humildes dos presos, para indagar se tinham recebido em tempo a nota de culpa, para dizer-lhes que apresentassem à autoridade competente qualquer petição ou queixa que pretendessem dirigir à sua augusta presença."

327

Ginásio Baiano, do Dr. Abílio César Borges. Vide nota 246.

328

Nessa casa hospedou-se Jerônimo Bonaparte, quando esteve na Bahia. Seu primeiro proprietário foi o marquês de Barbacena e passou depois ao barão de Itapororocas. O prédio foi demolido. (Inform. da professora d. Anfrísia Santiago.)

329

Francisco José Gomes Calaça, cit. na nota 240.

330

Francisco da Costa Meireles, foi o tutor de Castro Alves.

331

A igreja da Conceição da Praia substituiu uma capela quinhentista, em 1736. A planta obedece à forma octogonal, rara no Brasil, e aí se observa o único exemplar de igreja cujas torres são projetadas na diagonal em relação à fachada, formando corpos salientes. Na sua decoração interior salienta-se a pintura do forro da nave, de autoria de José Joaquim da Rocha.

332

Instituto Histórico da Bahia, já citado na nota 60. Compunham a sua diretoria: presidente - Dr. José Gois Siqueira; 1.º vice - Dr. Antônio Luís Afonso de Carvalho; 2.º vice - Dr. Agrário de Sousa Menezes; 1.º secretário - Manuel Correia Garcia; 2.º secretário - Pompílio Manuel de Castro; tesoureiro - Cons. Dr. Jônatas Abbott; orador - padre Francisco Bernardino de Sousa.

333

Aliás, Manuel Correia Garcia.

334

Cons. João Antunes de Azevedo Chaves.

335

Cons. Francisco Otaviano de Almeida Rosa.

336

Aliás, João da Silva Romão, como, de resto, escreve adiante o imperador.

337

Engenheiro inglês, a serviço do Brasil. Examinava, na ocasião, a estrada de ferro em construção.

338

Leprosário D. Rodrigo José de Menezes. Funcionava na Quinta do Tanque, primitivamente dos jesuítas. Aí viveu Vieira. Com a expulsão dos padres da Companhia foi a propriedade a leilão, adquirida por João Rodrigues Pereira por 2 contos e 800. O governador D. Rodrigo, com o produto de subscrição pública, comprou a Quinta à viúva do antigo proprietário, por 3 contos e 600 e instalou o Lazareto, que aí permaneceu até 1949, quando foi transferido para Águas Claras, perto de Pirajá, onde se encontra. (Inform. da professora dona Anfrísia Santiago.)

339

Ten. Tomás Gomes de Azevedo.

340

"... perpetua com este sua memória", lê-se no quadro.

341

Pertencente a Paulo Pereira Monteiro.

342

Palácio arquiepiscopal, antiga residência dos arcebispos da Bahia, foi construído no começo do séc. XVIII, por D. Sebastião Monteiro de Vide, cujas armas figuram sobre a porta principal. Nele funciona atualmente a secretaria do arcebispado e a Faculdade Católica de Direito. A capela, referida pelo imperador, era situada em dependência da antiga Sé, ligada por um passadiço ao palácio e desapareceu com a demolição do templo.

343

Dia de Finados.

344

Pai de Castro Alves. É casa da Bela Vista, tão citada pelo poeta. Funciona hoje aí o Hospital Juliano Moreira. (Inform. da professora dona Anfrísia Santiago.)

345

Fábrica de tabaco de Gantois & Paillet.

346

Resolvera o imperador visitar as povoações mais importantes do Recôncavo.

347

Comboiavam o Apa as canhoneiras Itajaí, comandada pelo 1.º tenente Domingos Joaquim da Fonseca, e Belmonte, pelo 1.º tenente Mariz e Barros. Acompanhavam d. Pedro II e a imperatriz, além da comitiva imperial, o presidente da província e seu ajudante de ordens, ten. cel. A. J. de Magalhães Castro, e o chefe da estação naval, chefe de esquadra Guilherme Parker.

348

Era comandante superior da Guarda Nacional da vila de Jaguaripe, Frutuoso Pinto da Costa e chefe do estado maior Joaquim José da Silva Gatrão.

349

O vapor Pirajá, comandado pelo 1.o ten. João Batista de Oliveira Montaury, aguardava o imperador em Jaguaripe.

350

Foi pregador o padre Jacinto Villas-Boas de Jesus, vereador à Câmara Municipal.

351

Cel. Antônio Francisco Tinta, chefe do Estado Maior de G. Nacional, presidente da Câmara Municipal e provedor da Santa Casa da Misericórdia de Nazaré.

352

Tenente coronel Manuel Pedro da Silva, presidente da Câmara Municipal de Vitória.

353

Benevenuto Augusto de Magalhães Taques, juiz de direito da comarca de Nazaré.

354

Compunham a Câmara Municipal, além do presidente Tinta, os seguintes vereadores: Joaquim José Coelho de Sousa, Antônio Leite Ribeiro, Joaquim Antônio Rodrigues de Figueiredo, padre Jacinto Villas-Boas de Jesus, Antônio Joaquim Pinto Cabral, Leão de Caldas Brito e Dr. Américo Moniz Barreto da Silveira.

355

Já cit. na nota 352.

356

Foi agraciado, terminada a viagem imperial, com o hábito de Cristo.

357

Deve ser a atual Aratuípe.

358

Tenente coronel João da Mata dos Santos, havia preparado recepção ao imperador em sua casa. Foi agraciado com o oficialato da Rosa, finda a viagem de Pedro II.

359

Cap. de engenheiros Manuel da Silva Pereira, reputado professor de geometria em vários colégios da Bahia.

360

O vigário padre Joaquim José de Góis Tourinho, devidamente paramentado, esperava o imperador, acompanhado da Irmandade do SS. Sacramento.

361

Prof. José Marcelino Pereira.

362

"Epítome da História do Brasil desde o seu descobrimento", por José Pedro Xavier Pinheiro, adotado para uso das aulas públicas de ensino primário. Possui a biblioteca do Museu Imperial, a 4ª ed. da obra, ed. no Rio, Laemmert, 1870.

363

Voltou o imperador para almoçar em Nazaré.

364

Prof. Manuel Pedro da Costa Cirne.

365

Dona Feliciana Higina Rigaud.

366

Prof. José Pinto Chichorro.

367

Prof. Joaquim Rufino Pereira Júnior.

368

Dr. Alexandre José de Barros Bittencourt.

369

Dr. Américo Moniz Barreto da Silveira.

370

Manuel Teixeira de Carvalho Serva, proprietário e redator do Industrial.

371

Da Guarda Nacional.

372

Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt e Sá (1762-1835). N. em Minas e f. na Bahia. Foi senador por sua província natal em 1826. Fizera parte da Constituinte e era membro de várias sociedades nacionais e estrangeiras.

373

Hoje em completa ruína.

374

Pertencia o engenho a Tomás Pedreira Jeremoabo.

375

Cel. Francisco Vieira Tosta (1804-1872). Receberia, terminada a viagem de D. Pedro II, o título de barão de Nagé.

376

Salvador Moniz Barreto de Aragão de Sousa Menezes (1789-1865), barão de Paraguaçu desde 1849. A baronesa foi cit. na nota 46.

377

Pedro Moniz Barreto de Aragão (1827-1894), barão do Rio de Contas em 1888.

378

Egas Moniz Barreto de Aragão.

379

João Carlos Viana Navarro de Andrade, filho do Dr. Vicente Navarro de Andrade (1776-1850), 1.º barão de Inhomirim em 1826, médico da Imperial Câmara e amigo de D. Pedro I.

380

Cel. Francisco Vieira Tosta, cit. na nota 365.

381

Fr. João do Carmo.

382

Prof. Francisco da Câmara Bittencourt.

383

Dr. João Ladislau Japiaçu de Figueiredo e Melo, juiz municipal. Receberia a Ordem de Cristo, terminada a visita imperial, no grau de cavaleiro.

384

Dr. Luís Antônio Pereira Franco, juiz de direito da comarca. Seria condecorado com o oficialato da Rosa, terminada a viagem de D. Pedro II.

385

Cel. Joaquim Pedreira de Cerqueira, tio do cons. Luís Pedreira do Couto Ferraz, já cit. na nota 136.

386

Padre José Cupertino de Araújo, receberia o hábito de Cristo, finda a viagem de d. Pedro II.

387

Era presidente da Câmara José Leonardo Pereira Borges.

388

Francisco Luís Antunes de Campos, deputado geral pela Bahia, faleceria no fim desse mesmo ano de 1859.

389

Aliás Filipe Pedreira de Cerqueira.

390

Prof. Firmino Antônio Dória.

391

D. Josefina Sarmento.

392

Pe. José Cupertino.

393

O Diário, como já foi dito, interrompe-se neste dia. Faltam as descrições até o dia 19/11, quando o imperador deixou a Bahia e prosseguiu sua viagem a Pernambuco.